

Maílson usa o Plano Brady para tentar reduzir dívida

Editorial

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, já está negociando uma grande operação de redução da dívida externa, dentro dos espaços abertos pelo Plano Brady. Ele acha que não há mais condições de negociar um plano ousado de redução dos débitos externos, mas considera que, se a atual equipe econômica conseguir pôr em marcha uma operação para reduzir a dívida externa, estarão lançadas as bases para que o próximo presidente da República negocie um plano que dure a extensão de seu mandato. Apesar desse empenho, há o reconhecimento das dificuldades inerentes a um governo em final de mandato.

Não há ainda, na mesa de negociações, um número estabelecido para se reduzir a dívida — mas o ministro e seus assessores têm por meta conseguir abater da dívida de US\$ 110 bilhões um valor superior aos US\$ 6 bilhões via conversão ou investimentos obtidos no ano passado.

O sucesso dessa estratégia de negociar algo que possa ser feito ainda este ano está na dependência do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O Fundo e o Banco Mundial seriam as duas instituições que alavancariam a operação de redução da dívida externa.

Ontem, o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, em entrevista coletiva, divulgou e comentou o documento redigido pelo chamado Grupo dos Oito e que foi enviado há dez dias aos governos dos sete países mais industrializados. Esse documento foi encaminhado a título de contribuição à reunião de cúpula desses países-Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá — que se realizará nos 14 e 15 de julho em Paris.

O documento deixa explícito que os diversos mecanismos de redução da dívida só terão validade se propiciarem uma “operação inicial de grande escala, suscetível de remover a incerteza sobre a capacidade de recuperação da economia e a instabilidade decorrente de um processo contínuo de negociações”.